

MODELOS ANALÍTICOS PARA PROCESSOS INTERTEXUAIS – PANORAMA, CONVERGÊNCIAS E BALANÇO CRÍTICO

ANALYTICAL MODELS FOR INTERTEXTUAL PROCESSES – OVERVIEW, CONVERGENCES, AND CRITICAL ASSESSMENT

Kennedy Cabral Nobre (Unilab)¹
Ana Paula Lima de Carvalho (IFPI)²

Resumo: Neste trabalho, refletimos sobre a intertextualidade como tema pertinente da Linguística Textual, apresentando sumariamente a contribuição de Koch (2004) e Koch; Bentes; Cavalcante (2008), as quais colaboraram para os estudos do fenômeno, especialmente no que tange à proposição de categorias analíticas fora do escopo da teoria e análise literária. Apresentamos, em seguida, dois quadros teóricos resultantes das pesquisas conduzidas sob a orientação da professora Mônica Magalhães Cavalcante: 1) Nobre (2014), que propõe a organização de parâmetros simultâneos a qualquer tipo de relação intertextual, e 2) Carvalho (2018), que redimensiona o debate partindo da divisão *amplo x estrito*. Abordamos a produtividade de ambas as propostas mediante a identificação de seu desdobramento em uma série de investigações e, por fim, realizamos um balanço crítico sobre o tema.

Palavras-chave: parâmetros intertextuais; intertextualidades amplas; intertextualidades estritas.

Abstract: In this paper, we explore intertextuality as a relevant topic in Textual Linguistics, briefly presenting the contributions of Koch (2004) and Koch, Bentes and Cavalcante (2008), who have advanced the study of the phenomenon, particularly through the proposal of analytical categories beyond the scope of literary theory and analysis. We then introduce two theoretical frameworks developed from research conducted under the guidance of Professor Mônica Magalhães Cavalcante: Nobre (2014), who proposes the organization of simultaneous parameters for all types of intertextual relationships, and Carvalho (2018), who revisits the debate by rethinking the broad *vs.* strict division. We examine the productivity of both proposals by tracing their development across a series of investigations and, finally, provide a critical assessment of the topic.

Keywords: intertextual parameters; broad intertextualities; strict intertextualities.

Introdução

Grande parte dos temas de interesse da Linguística Textual, tais como a referenciamento, o tópico discursivo, as sequências textuais e os gêneros textuais, refere-se a fenômenos que inevitavelmente são estruturantes de todo e qualquer texto. Ou seja, é quase impossível apontar um texto verbal ou verbo-visual em que não se construam objetos de discurso, ou que dele não

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (PPGLin/Unilab). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8382-2151> E-mail: cabralnobre@unilab.edu.br

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC). Professora do Instituto Federal do Piauí (IFPI), campus de Parnaíba. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3372-9282> E-mail: anapaula.lima@ifpi.edu.br

se abstraíam tópicos centrais, ou cuja estruturação frástica não se subordine a blocos de proposições ou que não haja uma afiliação, ainda que ambígua ou incerta, a algum gênero textual.

O mesmo se pode dizer da intertextualidade, isto é, que estejamos diante de um conceito estruturante de todo e a qualquer texto, mas somente se a noção de intertextualidade for excessivamente ampla. De fato, em muitas vertentes, e sobretudo em seu nascedouro, o conceito de intertextualidade é deveras elastecido e mimetiza-se à noção de dialogismo, de modo que nenhum texto pode se furtar a estabelecer relações, quer imediatas quer distantes, com outros textos, mesmo que dessas relações não se vislumbrem quaisquer marcas de materialidade semiótica.

Epistemologicamente, o mérito de uma abordagem ampla das relações entre textos está em se conferir aspectos de não estaticidade e de historicidade aos textos – algo fundamental à proposição de Kristeva (2005) quando da criação de um modelo de análise semiótica formal do texto literário em que se associa a noção de dialogismo bakhtiniano ao estruturalismo saussureano – e em se apontar que tanto a produção quanto a compreensão de um texto estão relacionadas ao conhecimento que os interlocutores têm de outros textos e dos diversos tipos de relação que um texto estabelece com outros textos – pilar que sustenta a intertextualidade como critério de textualidade em Beaugrande e Dressler (1991).

Entretanto, tomar o conceito de forma ampla apresenta alguns “prejuízos”, dentre os quais destacamos a confusão causada pela indiscriminação entre a intertextualidade e outros fenômenos mais ou menos similares que abordam a sobreposição de textos, vozes, discursos (por exemplo, o dialogismo, a polifonia, as heterogeneidades enunciativas, o interdiscurso, entre outros) e, principalmente, o enfraquecimento do potencial operacional do conceito que, tomado de maneira ampla, constitutiva, tende a não ser produtivamente analítico.

Não obstante, não faltam propostas que estabeleçam tipologias mais tangíveis e, logo, mais operacionais, como as de Genette (2010) na teoria literária, e a de Koch (2004) na Linguística Textual. Genette (2010) considera a noção mais ampla de transtextualidade como “transcendência textual do texto [...] tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (p. 11), de modo que a intertextualidade é o primeiro e o mais restrito dos cinco tipos distintos de relações transtextuais, listados pelo autor em escala crescente de abstração e globalidade. Já Koch (2004) postula a distinção entre a intertextualidade em sentido amplo, a qual é constitutiva a qualquer texto e em que se reitera “a (inevitável) presença do outro naquilo que dizemos ou escrevemos” (p. 145), e a intertextualidade *stricto sensu*, a qual “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido” (2004, p. 145-146), isto é, “atestada, necessariamente, pela presença do intertexto” (Koch, 1997, p. 107).

Como se observa, tanto em Genette (2010) quanto em Koch (2004) se considera uma versão mais ampla (transtextualidade e intertextualidade ampla), ainda que o foco de cada empreendimento seja a proposição de categorias para a classificação das relações mais tangíveis entre os textos. Para a Linguística Textual no Brasil, os estudos de Koch foram pioneiros no estabelecimento da classificação dos vários tipos de intertextualidade, com destaque para a obra *Intertextualidade: diálogos possíveis*, em coautoria com Anna Christina Bentes e Mônica Magalhães Cavalcante (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008), em que reforça a distinção entre a intertextualidade estrita e ampla e se compilam, com farta exemplificação, as propostas de Koch publicadas em periódicos (Koch, 1985; 1991; 1997) e até então apresentadas, de uma forma mais teórica, em Koch (2004).

A publicação de *Intertextualidade: diálogos possíveis* também vem somar, às classificações estipuladas por Koch (1985; 1991; 1997; 2004), a aplicação da proposta de Genette (2010) a uma gama de textos, verbais e multisemióticos, além do escopo da literatura, o que por si só é uma contribuição e um avanço aos debates. Tal empreendimento foi um esforço particular da professora Mônica Magalhães Cavalcante, que também, à altura, apresentou diversas conferências respeitantes à aplicação dos estudos de Genette (2010), de Sant’Anna (2007) e de Piègay-Gross

(2010) à Linguística Textual, tendo algumas dessas conferências sido publicadas nos anais desses eventos (Cavalcante 2006; 2008), além da publicação dessas primeiras reflexões em periódicos (Cavalcante; Brito, 2011; 2012; Cavalcante; Nobre; Lima-Neto, 2011) e em capítulos de livros (Cavalcante; Forte; Brito, 2014; Cavalcante; Brito, 2014).

Também é por essa época que a professora Mônica, não conformada com a (nem tão simples) aplicação de categorias pensadas em contextos literários a textos não literários, passa a orientar pesquisas sobre a intertextualidade, estimulando não só a reprodução de modelos analíticos a *corpora* distintos mas, e principalmente, a proposição de modelos teórico-metodológicos – algo que ela, enquanto referência sólida nacional e internacional na área, já tinha realizado a partir de temas como dêixis e referenciamento.

Dentre as primeiras pesquisas orientadas, destacamos, neste primeiro momento, a dissertação de Forte (2013), que identifica funções textual-discursivas, intrínsecas e extrínsecas, em processos intertextuais por copresença; e as teses de Nobre (2014) que busca integrar e sistematizar diferentes perspectivas e classificações das intertextualidades; de Faria (2014), que investiga em charges a inserção de relações de intertextualidade por copresença nas intertextualidades por derivação; e de Carvalho (2018), que reorienta as intertextualidades a partir da distinção em duas grandes categorias, estritas e amplas. Embora não tenha sido orientada pela professora Mônica Cavalcante, e sim pela profa. Maria Margarete Fernandes Sousa³, cumpre ainda destacar a tese de Silva (2016) que, tributária deste período, propõe um quadro teórico-metodológico para análise das práticas intertextuais hiperestéticas em textos não verbais.

Como dito, as pesquisas orientadas pela professora Mônica Cavalcante proporcionaram avanço nos debates acerca dos processos intertextuais mediante a proposição de modelos analíticos que adaptaram e refinaram modelos anteriores. Realizado esse preâmbulo, nosso objetivo neste trabalho é apresentar os quadros teórico-metodológicos de Nobre (2014) e Carvalho (2018) que, além de terem contribuído com o desenvolvimento das reflexões acerca da intertextualidade, têm apresentado particular produtividade analítica. A escolha pela síntese desses trabalhos também se justifica, além da limitação espacial, pelo fato de ser duas pesquisas que trabalharam sem *corpus* definido, de modo a apresentar maior abrangência em suas considerações, e também por serem duas propostas complementares. O fato de ainda não haver nenhum trabalho que tenha elaborado conjuntamente um apanhado dos dois modelos propostos também reforça e justifica este artigo e de nenhuma maneira representa demérito das outras pesquisas ora citadas ou por citar.

1 Sobre os parâmetros da intertextualidade

O problema central da pesquisa de Nobre (2014) reside no que o autor identificou como ‘estado de dispersão’, isto é, uma série de trabalhos que tratavam a respeito de intertextualidade, mas que propunham, cada qual a seu modo, conceitos e categorias bastante particulares. Para o autor, seria ingênuo pressupor que se tratava de flutuação terminológica – ainda que houvesse correspondências, quer mais próximas, quer mais distantes, nas categorias operacionais de análise.

Inicialmente, o autor identificou dois distintos estados de dispersão: o primeiro seria a indistinção entre a intertextualidade e fenômenos considerados mais complexos e abrangentes, como o dialogismo, a polifonia, as heterogeneidades, a interdiscursividade, etc. – algo também já questionado, por exemplo, por Koch (1991; 2004). Justamente para contrapor algumas visões que consideravam marcas polifônicas e de heterogeneidades como elementos intertextuais (implícitos, não-ditos etc.), é que o autor enfatiza sobremaneira a materialidade semiótica como critério

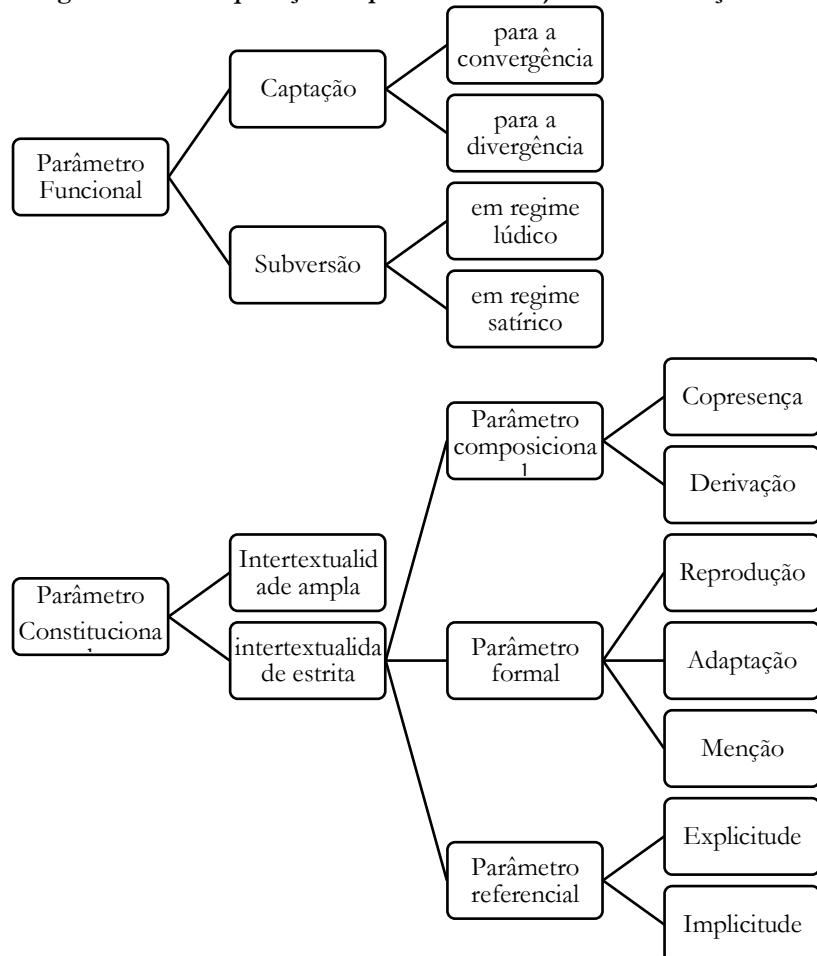
³ Líder do GETEME, subgrupo vinculado à época ao Grupo Protexo, grupo de pesquisa fundado e liderado pela professora Mônica Magalhães Cavalcante.

definidor da intertextualidade, além de também enfatizar o processo de produção à revelia do processo interacional: “dois critérios que distanciam a intertextualidade de outros fenômenos: ‘consciência’ (ou ‘livre-arbítrio’ do produtor) e materialização semiótica (linguística ou intersemiótica)”(Nobre, 2014, p. 14).

Quanto à consciência, o próprio autor reconhece a infelicidade do termo e a difícil, senão impossível – pelo menos linguisticamente – viabilização acadêmica do critério “não há como avaliar e muito menos atestar a consciência ou o livre-arbítrio do produtor do texto quanto aos usos intertextuais [...] Não são termos muito felizes, não obstante os mantenho em detrimento de outros ainda mais inadequados” (p. 14-15). Proponhamos aqui a revisão desse critério, permutando o termo para *intencionalidade*, ou seja, todo recurso intertextual é carregado de intencionalidades, as quais podem refletir os designios subjetivos do produtor do texto e/ou os propósitos do gênero, histórica e culturalmente validados, logo independentes do produtor.

Mas é no segundo aspecto do ‘estado de dispersão’ que se fundamenta a tese de Nobre (2014): a percepção de que, mais que variação terminológica, há sobreposição de critérios que respaldam as diferentes tipologias que se prestam à classificação mais pontual de intertextualidade, ou seja, critérios formais, discursivos, funcionais, relacionados ao conteúdo etc. A partir disso, o autor se propõe a sistematizar esses critérios, mediante uma revisão dos principais autores e discussões sobre intertextualidade, reorganizando-os em parâmetros que simultaneamente incidem sobre todo e qualquer processo intertextual. O resultado de sua pesquisa se sumariza no Quadro 1:

Figura 1 – Hierarquização de parâmetros subjacentes às relações intertextuais



Fonte: Nobre (2014, p. 111)

Destacam-se dois parâmetros principais, imprescindíveis a qualquer processo intertextual. O primeiro é o *funcional*, que investiga a intenção do autor ao fazer referência a outro(s) texto(s), além de levar em conta graus de permanência ou modificação de conteúdo em relação ao original. O segundo é o *constitucional*, que analisa os distintos modos de estruturação do processo intertextual. Em suma, em qualquer texto que envolva relações intertextuais, é possível avaliar a intertextualidade tanto em termos de sua constituição quanto de sua função.

O *parâmetro funcional*, como dito, envolve o grau de alteração que os textos originais sofrem quando são referenciados em outros textos. Na realidade, é patente que mesmo quando o texto original é reproduzido de forma exata, ainda haverá desvio, mesmo que mínimo, devido à sua re(con)textualização. Com base nessas considerações, Nobre (2014) sugere um aprimoramento, uma subdivisão na classificação, propondo que o parâmetro funcional se manifeste por *captação* ou *subversão*.

A *captação* pode perder para a convergência, quando as alterações são mínimas; ou para a divergência, quando se reproduz ou cita um texto anterior para contradizê-lo ou mesmo quando se retoma um texto anterior a partir de uma leitura inadequada, mas com propósito de captação. A *subversão*, por sua vez, pode ocorrer de maneira lúdica ou satírica. A diferença entre o lúdico e o satírico está no grau de distorção do texto original em relação à intenção do novo texto. No caso do regime lúdico, o desvio é considerável, mas com um objetivo humorístico ou jocoso; enquanto no regime satírico, o desvio é mais radical, com a intenção de se fazer uma crítica ou mesmo uma ridicularização. Contudo, é importante destacar que a distinção entre lúdico e satírico não é algo inerente ao texto, mas dependente da interpretação do leitor, o que pode gerar diferentes leituras – o que para uma pessoa é lúdico, para outra pode ser visto como satírico.

Quanto ao parâmetro *constitucional*, Nobre (2014) aponta que ele pode se manifestar de duas formas distintas: primeiramente, a intertextualidade pode ocorrer a partir de características estilísticas e/ou estruturais perceptíveis em um conjunto de textos, o que foi denominado *intertextualidade ampla*; e a intertextualidade pode emergir da relação entre textos particulares, facilmente identificáveis mediante materialidade semiótica, sendo essa forma chamada de *intertextualidade estrita*⁴. Esta última é a forma de intertextualidade mais frequentemente analisada pelos estudiosos.

Os casos de intertextualidade estrita envolvem três parâmetros adicionais: o *composicional*, que define se a relação intertextual ocorre por copresença ou derivação; 2) o *formal*, que examina a forma como o texto original é retomado, seja por reprodução, adaptação ou menção; e 3) o *referencial*, que trata do grau de explicitação da referência ao texto.

No *parâmetro composicional*, a *copresença* refere-se ao uso de elementos intertextuais através de fragmentos de diferentes tamanhos, ou seja, partes de um texto fazem referência, de diversas formas, a outros textos. Já a *derivação* indica que um texto foi integralmente originado de outro, a partir de processos distintos, que podem ser evidenciados a partir do parâmetro formal.

No *parâmetro formal*, existem três modos de retomada dos elementos originais. A *reprodução* ocorre quando o texto é mantido inalterado, como em citações diretas, que podem estar ou não tipograficamente destacadas. A *adaptação* acontece quando o conteúdo original é preservado, mas o intertexto sofre modificações várias, tais como parafraseamentos, adaptações, traduções entre códigos ou entre semioses, estilizações etc. Finalmente, a *menção*, por sua vez, ocorre quando não há reprodução ou adaptação de trechos, mas a relação intertextual se dá por meio de alusão ou referência a um elemento específico por meio do qual é possível a identificação do intertexto, como o nome de um autor, o título da obra ou a menção a personagens.

⁴ Ainda que a terminologia seja a mesma utilizada por Koch (2004) e Koch; Bentes; Cavalcante (2008), ressalte-se que há diferença qualitativa em sua definição.

Por fim, o *parâmetro referencial* trata do nível de explicitação das relações intertextuais: do mais explícito, em que se incluem recuos, marcas tipográficas como aspas ou itálico etc. ao mais implícito, cujo reconhecimento depende muitas vezes do conhecimento prévio do interlocutor.

Sumarizada a proposta de Nobre (2014), passemos a uma breve aplicação a partir da análise da canção *Madre Deus*, que estabelece relação intertextual com o poema *Memória*:

Figura 2 - Relação intertextual entre *Madre Deus* e *Memória*

Memória (Carlos Drummond de Andrade)	Madre Deus (Caetano Veloso)
<p>Amar o perdido deixa confundido este coração. Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Não. As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão. Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão.</p>	<p>Frente às estrelas Costas contra a madeira No ancoradouro de Madre Deus Meus olhos vão com elas no vão Meu corpo todo desmede-se Despede-se de si Descola-se do então Do onde Longe do longe Some o limite Entre o chão e o não Frente ao infinito Costas contra o planeta Já sou a seta sem direção Instintos e sentidos extintos Mas sei-me indo E as coisas findas Muito mais que lindas Essas ficarão <i>Dizia a poesia</i> E agora nada Não, mais nada não</p>

Fonte: Elaboração própria (2025)

A canção *Madre Deus*, composição de Caetano Veloso gravada por Gal Costa, é um texto em primeira pessoa que descreve as impressões do enunciador ao encontrar-se deitado olhando as estrelas, imaginando se desprender do chão e posteriormente do planeta até sair vagando pelo espaço sideral. Ao final, reflete sobre como sua ausência será sentida recuperando versos do poema *Memória*, de Carlos Drummond de Andrade, poema este que trata também do valor das coisas ausentes, da saudade que elas podem causar.

Considerando a relação entre os textos, observa-se que, quanto ao parâmetro *funcional*, há *captação para a convergência*, pois a percepção do valor das coisas ausentes é retomada na canção. Quanto ao parâmetro *constitucional*, trata-se de intertextualidade *estrita*, uma vez que se reconhece a relação entre dois textos particulares, a canção *Madre Deus* e o poema *Memória*. Considerando-se a relação estrita, ocorrem mais três parâmetros: o *composicional*, tratando-se de um caso de copresença (fragmento de texto inserido num texto maior); o *formal*, indicando-se *reprodução* de três versos do poema em versos da canção; e o *referencial*, indicando *implicitude*, pois, ainda que haja marcas de presença do intertexto a partir de um verbo *dicendi* e da menção muito vaga ao texto original (*dizia a poesia*), a recuperação da relação demanda certa erudição do interlocutor. Considerando-se que o texto da canção é consumido oralmente, não será difícil que essa relação passe, inclusive, despercebida para a maioria dos ouvintes. Os dados podem ser sumarizados na Figura 3 a seguir:

Figura 3 - Identificação de parâmetros intertextuais na canção *Madre Deus*

Parâmetrofuncional	Captação	Para a convergência Para a divergência
	Subversão	Em regime lúdico Em regime satírico
	Intertextualidade ampla	
	Intertextualidade estrita	
Parâmetroconstitucional	Parâmetro composicional	Derivação Copresença
		Reprodução Adaptação Menção
	Parâmetro formal	Explicitude Implicitude

Fonte: Elaboração própria (2025)

Para finalizar, consideramos que a proposta de Nobre (2014) contribui principalmente com a identificação de parâmetros simultâneos a qualquer processo intertextual, de modo que o analista não enfatize um aspecto em detrimento aos demais. No entanto, esse quadro apresenta o inconveniente de manter a discussão em um nível abstrato, sem oferecer uma tipologia operacional que permita análises mais concretas, com o uso inclusive de tipos de intertextualidade já disponíveis na literatura (citação, referência, paródia etc.) – lacuna essa que é preenchida pelo trabalho de Carvalho (2018), do qual tratamos a seguir.

2 Sobre intertextualidades estritas e amplas

Em Carvalho (2018), encontramos o termo intertextualidade, não intertexto, para tratar do processo relacional comprovável que se dá **estritamente**, entre textos específicos, ou **amplamente**, entre padrões de práticas de gêneros, entre estilos autorais ou, ainda, entre um texto e um conjunto inespecífico de texto. A autora chama a todos esses fenômenos, estritos e amplos, de intertextuais, por ser essa a designação mais empregada por diferentes correntes teóricas para se referir às mais diversas relações entre textos. A recusa pela designação “intertexto” visa a evitar a associação do termo a algum tipo de unidade de análise relativa aos textos em diálogo. Isso porque, apesar de indicado, o fenômeno intertextual poderá não se limitar à recuperação de texto(s) específico(s), como é o caso das ocorrências definidas como amplas.

Conforme defende, as intertextualidades se compõem, inevitavelmente, de relações dialógicas (na perspectiva bakhtiniana). Cumpre notar, entretanto, que nem tudo o que é dialógico é necessariamente intertextual. As relações dialógicas são uma condição de todo uso linguageiro; já o estatuto intertextual (estrito ou amplo) será sempre garantido pelo indiciamento, ainda que mínimo. Essa condição garante a operacionalização do fenômeno e também o diferencia de outros fenômenos constitutivos da linguagem, como o próprio dialogismo, a interdiscursividade, a polifonia e as heterogeneidades enunciativas. A despeito de sua frequente presença na construção de diversos textos e de se supor, por vezes, que seja “fundante” de determinados gêneros (como a charge, aqueles que participam de memes e os que surgem para comentar outros, por exemplo), Carvalho (2018) define intertextualidade como fenômeno textual-discursivo pontual, em geral planejado – ou seja, com efeitos previstos a partir da intencionalidade do locutor, conforme um programa argumentativo – e sempre mais ou menos ancorado cotextualmente. Trata-se, portanto, de uma estratégia textual com fins argumentativos.

Das citações mais marcadas até às alusões amplas, a noção de intertextualidade tomada no trabalho de Carvalho (2018) se diversifica numa escala que vai do diálogo entre textos específicos às imitações de gêneros e de estilos. A condição para que se reconheça o fenômeno é que existam marcas de algum tipo de “repetição” textuais. Quanto menos comprováveis, mais as intertextualidades se diluem no caráter dialógico e interdiscursivo constitutivo de todos os usos linguageiros. Assim, redistribuindo a proposta classificatória de Genette (1982) e redefinindo os fenômenos, a autora agrupa as intertextualidades em dois grandes conjuntos: o das estritas e o das amplas. A designação de “estritas” e “amplas”, tributária da tese de Nobre (2014), refere-se à distinção qualitativa das relações entre textos, a saber, se o que se retoma são textos específicos ou não. Com ênfase, reafirma-se que o termo “amplas” não faz o fenômeno equivaler ao dialogismo bakhtiniano, mas se refere à possibilidade de diálogo intertextual (marcado, portanto) dado não apenas pela inserção de (partes de) textos específicos, mas também pela remissão a um conjunto difuso de textos.

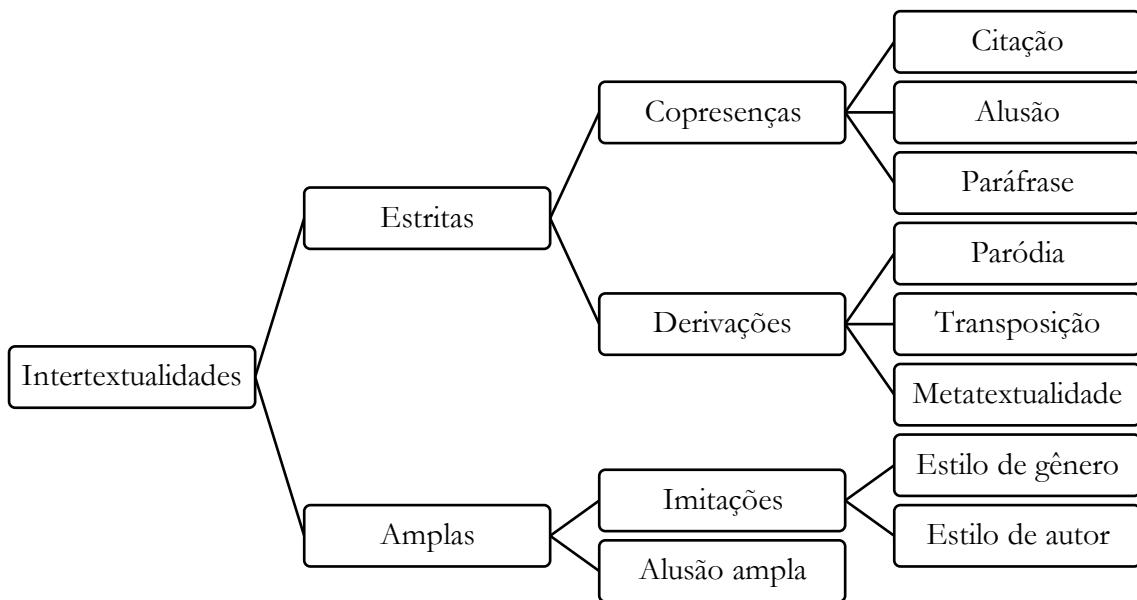
São estritas as relações intertextuais dadas por copresença, isto é, inserções de parte(s) de um texto em outro, como ocorre nas citações, paráfrases e alusões, bem como por transformações de um texto em outro, realizadas por paródias e transposições. Também são estritas as metatextualidades, isto é, as relações estabelecidas por “comentários” a um texto-fonte específico. Cumpre notar que esses processos se manifestam em complementaridade. No caso das transformações, assim como nos de metatextualidade, sempre teremos ocorrências de copresenças (Faria, 2014).

No bojo das intertextualidades amplas, estão: a) as alusões amplas, casos em que não há a retomada de um conjunto de textos, mas a uma referência difusa a fatos, conteúdos ou situações que, embora não retomen texto(s) específico(s), estabelecem uma relação ainda tangível entre um texto e diversos outros e b) a imitação de parâmetros composicionais, temáticos ou estilísticos de determinado gênero de estilo de autor, abstraída pela remissão a um conjunto inespecífico de textos.

As ocorrências amplas, ainda que mais difusas, podem ser indiciadas por elementos textuais como a redundância de (sub)tópicos, a referenciação, a repetição de aspectos formais ou compostionais, dentre outros. Merece destaque o fato de que a compreensão de Carvalho (2018) acerca das intertextualidades amplia a visão cristalizada de que o fenômeno se limita aos casos em que se dão relações entre textos específicos e recuperáveis.

Oportunamente, acentuamos que os tipos estritos e amplos, embora qualitativamente distintos, não apenas não se excluem como, não raro, sobrepõem-se e se complementam. Flagramos, com frequência, num mesmo texto, os tipos coexistindo. Além disso, conforme já mencionado, a proposta não se presta a uma categorização em e por si, de modo estanque. O que se pretende é, na verdade, cercar o fenômeno e, a partir disso, analisar seus efeitos na arquitetura argumentativa dos textos de diferentes semióses. Sintetizamos, a seguir, os tipos de processos intertextuais com que Carvalho (2018) opera metodologicamente:

Figura 4 - Classificação das intertextualidades



Fonte: Carvalho (2018, p. 110)

Quando um texto “repete” parte de outro(s) texto(s) identificável, ou é dele uma transformação, ou ainda um comentário, estamos diante de um caso de intertextualidade estrita. As ocorrências estritas, por estarem pacificadas nos estudos, são as mais admitidas como intertextuais pela tradição dos estudos. No âmbito das copresenças, a citação é, sem dúvida, a ocorrência intertextual prototípica. Trata-se de uma reprodução literal de parte de um texto em outro. A alusão, por sua vez, refere-se a uma retomada indireta a elementos constantes de outro(s) texto(s) específicos, como personagens, título, expressões recuperáveis etc. Já a paráfrase é a ocorrência intertextual operada pela reprodução não literal de um fragmento de um texto em outro.

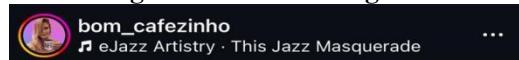
No que diz respeito às derivações, temos os tipos de intertextualidade estrita por transformação de um texto, estritamente, em outro. Quando o conteúdo do texto-fonte se repete essencialmente em outro, numa transposição – fiel tanto quanto possível – que se dá por adaptações estruturais de toda ordem, visando à preservação do teor do texto original, temos os casos de transposição. Podemos pensar nas traduções e nas práticas de passagem genérica, como ocorre quando um romance passa a filme, por exemplo. E assim como é possível a elaboração de transformações de um texto-fonte em outro sem subversão radical de seu conteúdo ou propósito, também podem ocorrer transformações lúdico-satíricas, casos em que se fala de paródias. A paródia, ocorrência intertextual muito recorrente nas redes sociais, é uma transformação que leva ao humor, e é exatamente esse traço funcional e discursivo que a diferencia das transformações por transposição. Outro tipo importante e frequente de derivação é a metatextualidade, a relação intertextual estrita que se estabelece quando um texto surge para comentar outro(s) texto(s). Como exemplo, temos as resenhas, a crítica literária, os prefácios e certos comentários *on-line*. Nota-se que, a despeito das diferentes inscrições genéricas, a condição de existência de um metatexto é ser “comentário” de um texto-fonte.

Já nas ocorrências em que se verifica não um texto se reportando a outro especificamente, mas imitando traços compostonais, temáticos ou estilísticos de um padrão genérico de textos, estamos diante de intertextualidades amplas. Também é ampla a intertextualidade que retoma aspectos do estilo de determinado autor, numa imitação de traços de sua identidade social. Há, ainda, os casos em que não se verifica uma retomada de elementos de

um texto específico, mas de um conjunto difuso de textos de ampla circulação social, aos quais Carvalho (2018) chama de alusão ampla. Esse tipo intertextual, que se situa no limiar com outros mais abrangentes e constitutivos da própria linguagem, apresenta-se como um dos aspectos mais importantes de seu trabalho. Isso porque o estudo das alusões amplas permitiu considerar as ocorrências que, embora popularmente se reconhecesse uma relação tangível entre textos, a literatura especializada não descrevia como de natureza intertextual, tratando mais comumente como fenômeno de caráter apenas (inter)discursivo.

Além disso, o reconhecimento e a descrição das alusões amplas também permitiram considerar casos como as *hashtags* (Lima-Neto; Carvalho, 2023), que organizam e amarram um conjunto difuso de textos que dialogam entre si, bem como a construção de memes (ver Cavalcante; Oliveira, 2019) e contribuiu para o estudo da argumentação, notadamente nos textos que se situam no bojo da modalidade polêmica (ver Macedo, 2018). Cumpre notar, para reiterar o caráter não estanque dessas classificações, que assim como as derivações se constroem por copresenças (Faria, 2014), as imitações se constroem com recurso a alusões amplas, pois não fazem uma ligação um a um entre textos, senão apenas a um conjunto inespecífico deles. Isso porque, para aferir e imitar marcas de um estilo (de autor ou de gênero), em geral, é preciso mais de um exemplar a ser observado e considerado. A seguir, discutiremos um exemplo para a descrição e análise da alusão ampla:

Figura 5 -Post do Instagram



JANELA, CAFÉ E PAZ
SÃO INEGOCIÁVEIS.
ESTE POST NÃO É SOBRE JANELA



Fonte: Perfil @bom_cafezinho (2025)

A Figura 5 acima é um meme do Instagram, postado em 6 de dezembro de 2024, no perfil @bom_cafezinho. No período em que circulou, viralizou nas redes sociais o vídeo⁵ em que uma moça, até então desconhecida, foi filmada em um avião por se envolver num imbróglio. Ocorreu que uma mãe com duas crianças, uma delas irritada e chorando por querer um assento na janela, pediu para que a passageira da janela cedesse seu lugar, a fim de atender ao desejo da criança. A moça tacitamente negou o pedido e permaneceu aparentemente indiferente aos apelos

⁵ Para melhor compreensão do caso, sugerimos a leitura da seguinte notícia: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2024/12/06/polemica-no-aviao-entenda-o-caso-da-mulher-que-viralizou-ao-nao-ceder-lugar-para-crianca.shtml> Acesso em 28 de dezembro de 2024.

da criança e de uma outra passageira, que julgou um absurdo não atender ao que estava sendo pedido. A *internet* reagiu massivamente ao ocorrido e uma quantidade absurda de opiniões, pronunciamentos e memes surgiram.

No primeiro momento, a maior parte das pessoas aprovou o comportamento da moça, por considerar que se tratava de impor limites ao comportamento abusivo e birrento de uma criança e da permissividade de uma mãe. É nesse contexto que o *post* aqui apresentado se situou, a partir de uma retomada tanto do texto-fonte específico e recuperável, qual seja, o vídeo, pelo apontamento à situação (representada pela expressão referencial “janela”), mas também a um conjunto amplo e inespecífico de outros textos, de diversos gêneros, que tratavam da mesma temática, recuperando sobretudo aqueles que se mostravam favoráveis à atitude da moça de negar-se a ceder seu lugar na janela, uma vez que os passageiros, para escolher assentos no avião, precisam pagar um valor adicional por esse direito. Isso faz pressupor que a moça escolheu o assento na janela e pagou por essa escolha, independentemente de ter ou não uma necessidade especial que justificasse sua preferência.

Nota-se que, ao associar “janela” (por alusão) a outros itens considerados “inegociáveis”, ou seja, um limite pessoal, o locutor deixa ver seu assentimento com a postura da passageira que se negou a negociar onde poderia ou não se sentar. A legenda do *post*, qual seja, “é sobre educação”, reitera que questionar o direito individual a ter “inegociáveis” seria uma falta de educação. Cumpre notar, mais uma vez, que o *post* evoca também um conjunto inumerável de textos que trataram da situação nos dias que se seguiram ao ocorrido, o que configura a categoria intertextual da alusão ampla, indiciada, no exemplo, pela expressão “janela”, recorrente nos textos sobre o fato apresentado. A seguir, mais um exemplo de texto acerca do que acabamos de mostrar:

Figura 6 - Post do Instagram



Fonte: Humdoido (2024)

Na figura, mais um *post* do Instagram em que se instaura uma posição acerca da situação do avião, notadamente de concordância com a postura da moça que se negou a ceder seu lugar na janela para a criança, evidenciado pela tranquilidade de dormir, a despeito do que acontece no entorno. O estatuto intertextual aqui sustentado se ancora em marcas contidas na parte verbal do *post*, que contém, além da expressão referencial “janela”, a construção “a criança se acabando de chorar”, que aludem estritamente à situação filmada e divulgada em que a criança aparece

chorando bastante ao “pedir” para sentar na janela e amplamente reportada em incontáveis textos que também trataram disso nos dias seguintes.

Notamos, pelas exemplificações, que vislumbrar uma relação intertextual entre esses textos incluiu considerar não somente um diálogo entre textos específicos, mas também entre o texto-fonte e a dispersão de outros tantos textos que aludiram ao mesmo fato. Há, entre cada texto e o texto-fonte, uma relação estrita e uma relação ampla entre todos os textos que recuperaram a mesma temática de alguma forma, desde que se verifiquem inclusive marcas cotextuais que sustentem essa retomada. Como se vê, a intertextualidade funciona também para engatilhar a profusão de memes, como já apontaram Cavalcante e Oliveira (2019). Negligenciar a discussão dessa relação entre um conjunto inespecífico de textos seria um prejuízo para os estudos do texto em geral. Organizar as categorias e torná-las aplicáveis e operacionalizáveis para textos em distintas semioses e ambientes é, a nosso ver, a principal contribuição do trabalho de Carvalho (2018).

3 Desdobramentos

As propostas aqui apresentadas têm sido aplicadas, quer individualmente quer associadas entre si ou com outros trabalhos, em várias pesquisas que versam sobre o fenômeno da intertextualidade, fator que atesta sua produtividade, contribui para a ampliação do debate e para compreensão do fenômeno e aponta para questionamentos que proporcionam o enriquecimento de uma agenda de investigações. Parte dos trabalhos são de autoria ou coautoria dos próprios pesquisadores, como em Cavalcante; Nobre; Brito (2018), em que a proposta de Nobre (2014) é aplicada a desenhos animados; Cavalcante; Faria; Carvalho (2017), em que se redimensionam as categorias de Genette a partir das perspectivas ampla e estrita da intertextualidade, numa prévia do que posteriormente se encontra e se desenvolve em Carvalho (2018); Santos; Nobre (2019), em que se revisitam as noções de implicitude e explicitude do parâmetro referencial; Carvalho; Lopes; Nobre (2021), em que se aplica o modelo de Nobre (2014) a canções gospel; Lima-Neto; Carvalho (2023), em que se analisa, a partir de Carvalho (2018), a *hashtag* como ocorrência intertextual que mantém vitalidade em espaços digitais e não digitais, entre outros.

Além dos trabalhos acima listados, os modelos apresentados se prestaram como fundamento para uma série de trabalhos elaborados por outros pesquisadores, publicados principalmente em periódicos especializados os quais não convém aqui, em decorrência de seu considerável volume e das limitações espaciais desse trabalho, meramente listar. Destacamos, todavia, a publicação em livros e capítulos de livros produzidos pela professora Mônica Magalhães Cavalcante que, no Brasil, foram fundamentais especialmente à divulgação e à popularização científica dos dois modelos abordados, a saber, Cavalcante; Brito; Zavam (2017); Cavalcante (2021) e Cavalcante *et alii* (2020; 2022). Convém também destacar que é principalmente em pesquisas mais densamente informativas, isto é, em dissertações e teses⁶, que se tem, além da aplicação dos modelos de Nobre (2014) e Carvalho (2018) a *corpora* específicos, maiores contribuições na atualização e na compreensão das relações intertextuais.

Freitas (2017) analisou em diferentes versões de *Cinderela* os elementos que garantem o princípio intertextual do conto. Para tanto, recorreu aos distintos parâmetros da intertextualidade (Nobre, 2014) para atestar aspectos de invariância, e também para evidenciar que as distinções entre diferentes versões da história refletem o contexto da época e da cultura em que cada conto foi produzido.

⁶ Ressalta-se que aqui somente são listadas as pesquisas que se fundamentam, total ou parcialmente, em Nobre (2014) e/ou Carvalho (2018). Há outras investigações que citam as pesquisas aqui exploradas, especialmente no que tange à discussão teórica sobre processos intertextuais sem, contudo, aplicar suas propostas metodológicas.

Aline Lima (2019) investigou a produção do humor a partir de processos referenciais e intertextuais em memes produzidos durante o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Amparada principalmente em Carvalho (2018), a autora considerou que elementos intertextuais presentes nos memes e sua interação com a referencição desempenham um papel fundamental na construção dos objetos de discurso e na geração do humor. Esses recursos colaboram para a criação de significados e para o desencadeamento da comicidade, através de conexões com outros discursos e contextos previamente conhecidos.

Caroline Lima (2019) investigou como a intertextualidade contribui para construção de sentido dos anúncios publicitários em perfil empresarial no Instagram, a partir da noção de a intertextualidade ampla por imitação Carvalho (2018). Os resultados apontaram ocorrência da intertextualidade em todos os exemplares analisados, de modo que presença da intertextualidade, ao conferir criatividade, contribui para a (re)construção de sentido no gênero anúncio, além de reforçar o propósito persuasivo que define esse gênero.

Santos (2020) analisou o fenômeno do plágio, visto não como um mecanismo intertextual, mas como uma prática que se configura incorporando movimentos de distintos processos intertextuais. A partir de Genette (2010), Piégay-Gross (2010), Sant'Anna (2007) e Nobre (2014), o autor considerou que o plágio apresenta elementos vinculáveis a conhecidos processos intertextuais, como a citação, a paráfrase, a paródia e o pastiche.

Chaves Jr. (2020) analisou as funções discursivas de relações intertextuais por copresença interrelacionadas à estrutura retórica do gênero resenha acadêmico-crítica. Respaldando-se em Forte (2013) e Nobre (2014) no que diz respeito à intertextualidade, o autor, a partir da análise de 20 resenhas acadêmico-críticas, considerou que as funções discursivas das relações intertextuais estão diretamente relacionadas ao gênero e às (sub)unidades retóricas nas quais se identificaram os processos intertextuais por copresença.

Sousa (2020) investigou as relações intertextuais presentes nas tiras “Um sábado qualquer”, particularmente conhecidas pelo tratamento humorístico e irônico de temas religiosos. Adaptando o quadro proposto por Nobre (2014), a autora concluiu que as relações intertextuais no *corpus* analisado são essenciais para a formação dos aspectos humorísticos, tanto que a quebra de expectativa, característica do gênero e o principal mecanismo gerador de humor, sempre ocorreu fundamentada em processos intertextuais.

Silva (2021) investigou a contribuição da referencião e das intertextualidades estritas e amplas (Carvalho, 2018) para a construção da dimensão argumentativa em memes. O autor conclui que as estratégias intertextuais são ferramentas essenciais na construção da dimensão argumentativa desses textos, desempenhando um papel fundamental para reunir informações e referentes dentro de suas redes. Além disso, as intertextualidades orientam a consolidação desses significados por meio de enquadres específicos, que definem os pontos de vista do locutor.

Brandão (2022) investigou como estereótipos e marcas de intertextualidade amplas por alusão relacionam-se à condução argumentativa em textos multimodais, especificamente em charges e cartazes. Considerando a proposta de (Carvalho, 2018), a autora confirmou a hipótese de que a intertextualidade, por meio de alusão e estereótipos, desempenha um papel fundamental na construção argumentativa de textos multimodais. Os resultados ainda indicaram que essa construção de significado ocorre a partir do contexto, por meio da concretização dos objetivos comunicativos.

Gonçalves (2023) analisou as relações intertextuais utilizadas nas práticas hipertextuais de transformação de *O asno de ouro*, de Apuleio, para a peça *Psiquê e Eros*, em diferentes versões e em diferentes contextos, ao longo de quase duas décadas. A pesquisa respalda-se na abordagem clássica de Genette (2010) para a identificação e a classificação das técnicas de transformação temáticas e equitativas e nos parâmetros intertextuais (Nobre, 2014) para a caracterização das relações intertextuais estabelecidas entre o texto adaptado e o texto original. A partir de Faria (2014) e Carvalho (2018), a pesquisadora considerou, ainda, que inserções intertextuais, estritas

ou amplas, proporcionam um caráter subversivo aos hipertextos produzidos e funcionam como um convite para a participação ativa do interlocutor no processo de construção de significados

Silva (2023) evidenciou o papel de processos referenciais e intertextuais na atualização da polêmica sobre a vacina contra a covid-19, considerando as noções estritas e amplas dos processos intertextuais (Carvalho, 2018). Dentre os resultados, a pesquisadora compreendeu que a polêmica se concretiza por meio do diálogo intertextual, o qual se configura como um critério essencial para uma das características da polêmica: a polarização.

Costa (2024) investigou os processos de intertextualidade e seus modos de expressão em textos digitais nativos, especialmente em postagens do Instagram e do Twitter/X. Embasada em Genette (2010), Piègny-Gross (2010) e Carvalho (2018), a autora destacou que os processos de retomada intertextual podem ocorrer de forma técnica, mediante recursos fornecidos pela máquina, ou por meio de enunciados multissemióticos. Na pesquisa ainda se conclui, dentre outras contribuições, que processos de referência englobam intertextualidades estritas e que recursos como o ‘compartilhamento’ promovem processos de transposição.

Sousa (2014), respaldada nas propostas de Nobre (2014) e Silva (2016), propõe um quadro teórico-metodológico para análise de diversas práticas intertextuais hiperestéticas de pinturas e esculturas que retomam o romance *Iracema: lenda do Ceará*. Destaca-se, ainda, desta pesquisa, a proposição de um parâmetro intertextual exclusivo da passagem do texto verbal a textos pictóricos e escultóricos: o parâmetro estilístico, subdividido em aspectos mais tradicionais ou mais vanguardistas.

Dutra (a sair) analisou como recursos intertextuais são mobilizados na polêmica pública a partir de textos de protesto disseminados no ecossistema X, utilizando, para tanto, categorias como as intertextualidades estritas e a alusão ampla (Carvalho, 2018). Os resultados da pesquisa indicaram que a intertextualidade desempenha um papel crucial ao reforçar as reivindicações, identidades e sentimentos dos indivíduos engajados em práticas discursivas de protesto na rede social X.

Vemos, portanto, como as propostas de Nobre (2014) e Carvalho (2018), aqui esboçadas, frutos da orientação de Mônica Cavalcante, contribuíram para a progressão dos estudos do fenômeno da intertextualidade e, conforme acreditamos, seguem vigorosos, assim como todo o legado da notável pesquisadora brasileira.

Considerações finais

O trabalho ora empreendido traçou brevemente um panorama de como o conceito de intertextualidade vem sendo abordado nas pesquisas brasileiras na área da Linguística Textual. Se em sua gênese o conceito confunde-se com a noção de dialogismo e restringe-se ao estudo de textos literários, aos poucos as pesquisas impuseram um tratamento mais tangível à categoria na mesma proporção que textos produzidos em diversos domínios discursivos e em diversas semioses são objetos de questionamentos e análises.

No Brasil, Ingêndore Koch é a grande responsável por propor inicialmente uma tipologia para a análise de recursos intertextuais, mas é inegável a contribuição de Mônica Magalhães Cavalcante em fazer avançar os debates sobre o tema, seja mediante reflexões próprias, seja estimulando a autonomia dos pesquisadores sob sua orientação. As duas propostas aqui apresentadas, que dialógica e intertextualmente se interligam a tantos outros trabalhos, produzidos no grupo Protexo e fora dele, de certa maneira são representativos do percurso e da decisiva contribuição acadêmica da professora Mônica Cavalcante aos estudos dos processos intertextuais.

Os modelos aqui discutidos não estão fechados em si, pois, mesmo que apontem caminhos, eles também ressaltam lacunas a ser superadas. A principal delas resulta das complexas dinâmicas interacionais, especialmente no que tange à recepção dos textos. Parâmetros funcionais

e referenciais não se apresentam tão transparentes, visto que conhecimento prévio, conhecimento partilhado e expectativas dos interlocutores influenciam o reconhecimento e a interpretação dos textos, e consequentemente dos processos intertextuais, em níveis estritos e amplos, contidos nos textos. Também merecem destaque os desafios propostos às pesquisas pelas potencialidades que o ambiente digital oferece às interações e, consequentemente, aos textos, o que representa uma seara profícua aos estudos em Linguística Textual, notadamente aos trabalhos que lidam com a intertextualidade.

Referências

- BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.
- BRANDÃO, Elizandra Dias. **Intertextualidade ampla por alusão e estereótipos na condução argumentativa em textos multimodais**. 2022. 77f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Letras, Teresina, 2022.
- CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 135f. Tese (doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- CARVALHO, Ana Paula Lima de; LOPES, Shara Lylian de Castro; NOBRE, Kennedy Cabral. Um estudo sobre relações intertextuais entre textos bíblicos e canções gospel. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 8, n. 1, p. 110–125, 2021.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Referenciação e intertextualidade. In: XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos, 2006, João Pessoa. XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos. **Anais**. João Pessoa: Gelne, 2006. v. 1. p. 2250-2260.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Intertextualidade: um diálogo entre texto e discurso. In: VI Semana de Estudos Linguísticos e Literários de pau dos Ferros, 2008, Pau dos Ferros. **Anais da VI SELLIP: Tendências e abordagens em linguística, Literatura e Ensino**. Pau dos Ferros : UERN, 2008. v. 1. p. 01-08.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. As intertextualidades: o diálogo entre texto e ensino. In: Marcos Luiz Wiedemer e Mariangela Rios de Oliveira (org). **Texto e gramática: novos contextos, novas práticas**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2021, p. 171-195.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Intertextualidades, heterogeneidades e referenciação. **Revista Linha D'Água**, v. 24, p. 260-276, 2011.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Intertextualidade e Psicanálise. **Calidoscópio**, v. 10, p. 210-320, 2012.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Intertextos. In: Maria das Graças S. Rodrigues; Luis Passeggi; João Gomes da Silva Neto. (Org.). **Linguística textual e ensino da língua portuguesa**. Natal: EDUFRN, 2014, v. 3, p. 105-136.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; ZAVAM, Aurea. Intertextualidade e ensino. In: MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 109-127.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et alii*. **Linguística Textual e Argumentação**. Campinas: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et alii*. **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes, 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; FARIA, Maria das Graças dos Santos; CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Revista de Letras**, v. 2, n. 36, jul./dez. 2018, p. 7-22.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; FORTE, Jamille Saíne Malveira; BRITO, Mariza Angélica Paiva. As funções intertextuais nos quadrinhos. In: LINS, Maria da Penha Pereira; CAPISTRANO Jr., Rivaldo. (Org.). **Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos**. Vitória: PPGEL-UFES, 2014, v. 1, p. 107-126.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; NOBRE, Kennedy Cabral Nobre; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Intertextualidade como recurso humorístico em desenhos animados. In: Ana Cristina Carmelino; Paulo Ramos. (org.). **Gêneros humorísticos em análise**. São Paulo: Mercado de Letras, 2018. p. 179-196.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; NOBRE, Kennedy Cabral Nobre; Vicente de LIMA-NETO. A intergenericidade como recurso humorístico. **Calidoscópio**, v. 9, p. 180/2-187, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; OLIVEIRA, Rafael Lima. (2019). O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual. **Revista Desenredo**, v.15(1). Recuperado de <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8931>

CHAVES, Jr., José Araújo. **Funções discursivas dos processos intertextuais por copresença em gênero resenha acadêmico-crítica**. 2020. 99 f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

COSTA, Dálete Castro Braga. **Intertextualidades em ambientes digitais**. 2024. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

DUTRA, Rafael Botelho. **Análise intertextual da polêmica em textos de protesto no ecossistema X**. 2024. 90f. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Letras, São Luís, 2024.

FARIA, Maria das Graças dos Santos. Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais. 2014. 120f. Tese (doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FORTE, Jamille Saínne Malveira. **Funções textual-discursivas de processos intertextuais**. 2013. 129 f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.

FREITAS, Márcia Silva Pituba. **Cinderelas em contextos:** um mosaico de identidade, memória e tradição. 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos:** a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos por Cibele Braga *et al.* Edições Viva Voz: Belo Horizonte, 2010.

GONÇALVES, Walnysse Maria Rodrigues. **Análise das práticas hipertextuais de transformação do conto Cupido e Psiquê de Apuleio para o teatro de bonecos.** 2023. 227 f. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Acaraí-CE, 2023.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A intertextualidade como critério de textualidade. In: FÁVERO, L. L.; PASCHOAL, M. S. Z. (org). **Linguística textual e leitura.** São Paulo: Educ, 1986, p. 39-46.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? **D.E.L.T.A.**, 7 (2): 529-541, São Paulo: Educ, 1991.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. O texto e a (inevitável) presença do outro. **Letras**, nº 14: Alteridade e homogeneidade. Universidade Federal de Santa Maria (RS), jan./jun. 1997, 107-124.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual:** trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade:** diálogos possíveis. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise.** Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LIMA, Aline Souza de. **Referenciação e humor em memes do perfil Dilma Bolada do Facebook.** 2019. 191f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vila Velha, 2019.

LIMA, Caroline Bezerra. **A intertextualidade ampla por imitação de gênero e as mesclas genéricas na construção de sentido do gênero anúncio na rede social Instagram.** 2019. 153f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Letras, Teresina, 2019.

LIMA-NETO, Vicente de; CARVALHO, Ana Paula Lima de. Sobre as intertextualidades em ambiente digitais: o uso das hashtags. **Alfa**, v. 67, 2023. p. 1-20.

MACEDO, Patrícia Almeida de. **Análise da argumentação no discurso:** uma perspectiva textual. 245 f. 2018. Tese (doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

NOBRE, Kennedy Cabral. **Critérios classificatórios para processos intertextuais.** 127f. 2014. Tese (doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

PIÈGAY-GROS, Nathalie. Tipologia da intertextualidade. **Intersecções – Revista sobre práticas discursivas e textuais**, ano 3, n. 1, São Paulo, 2010, p. 220-244.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Paródia, paráfrase & CIA.** 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

SANTOS, José Elderson de Souza. **Plágio, sanções sociais e marcas intertextuais.** 2020. 308f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

SANTOS, José Elderson de Souza; NOBRE, Kennedy Cabral. Intertextualidades explícitas e intertextualidades implícitas. **Signótica**, Goiânia, v. 31, 2019. p. 1-28.

SILVA, Hermínia Maria Lima da. **As práticas intertextuais hiperestéticas em obras de conteúdo bíblico.** 2016. 278f. Tese (doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SILVA, João Paulo Muniz da. **Uma análise textual da argumentação em memes verbos-visuais: entre processos referenciais e as intertextualidades.** 2021. 138f. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife, 2021.

SILVA, Maria Carolina Lima. **Marcas textuais da atualização da polêmica sobre a covid-19 no Instagram no jornal Diário do Nordeste.** 2023. 92f. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Acarape-CE, 2023.

SOUSA, Mariana Machado de. **Intertextualidade e produção de sentidos nas tiras “Um sábado qualquer”, de Carlos Ruas Bon.** 2020. 126f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Letras, Teresina, 2020.

SOUSA, Antonia Karoline Oliveira de. **Práticas intertextuais hiperestéticas em pinturas e esculturas que trazem Iracema: lenda do Ceará como hipótese.** 2025. 211 f. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Acarape-CE, 2024.

Referências dos exemplos

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro enigma.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOM_CAFEZINHO. Janela, café e paz são inegociáveis. [S. l.]. 5 dez 2024. Instagram: @bom_cafezinho.
Disponível em:<https://www.instagram.com/p/DDN2tNWP747/?igsh=MTZtZmxibGc3NGZhbw==>
Acesso em 27 de dezembro de 2024.

HUMDOIDO. A criança se acabando de chorar. [S. l.]. 6 dez 2024. Instagram: @humdoido. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/DDPX96IpQfa/?igsh=MTcxOGpyNWdsZGJyaQ%3D%3D>
Acesso em 28 de dezembro de 2024.

MADRE DEUS. Intérprete: Gal Costa. Compositor: Caetano Veloso. In: RECANTO. Intérprete: Gal Costa. [S. l.]: Universal Music Internacional, 2011. 1CD, faixa 7 (3 min 34 seg).

Submetido em 10/01/2025
Aceito em 20/10/2025